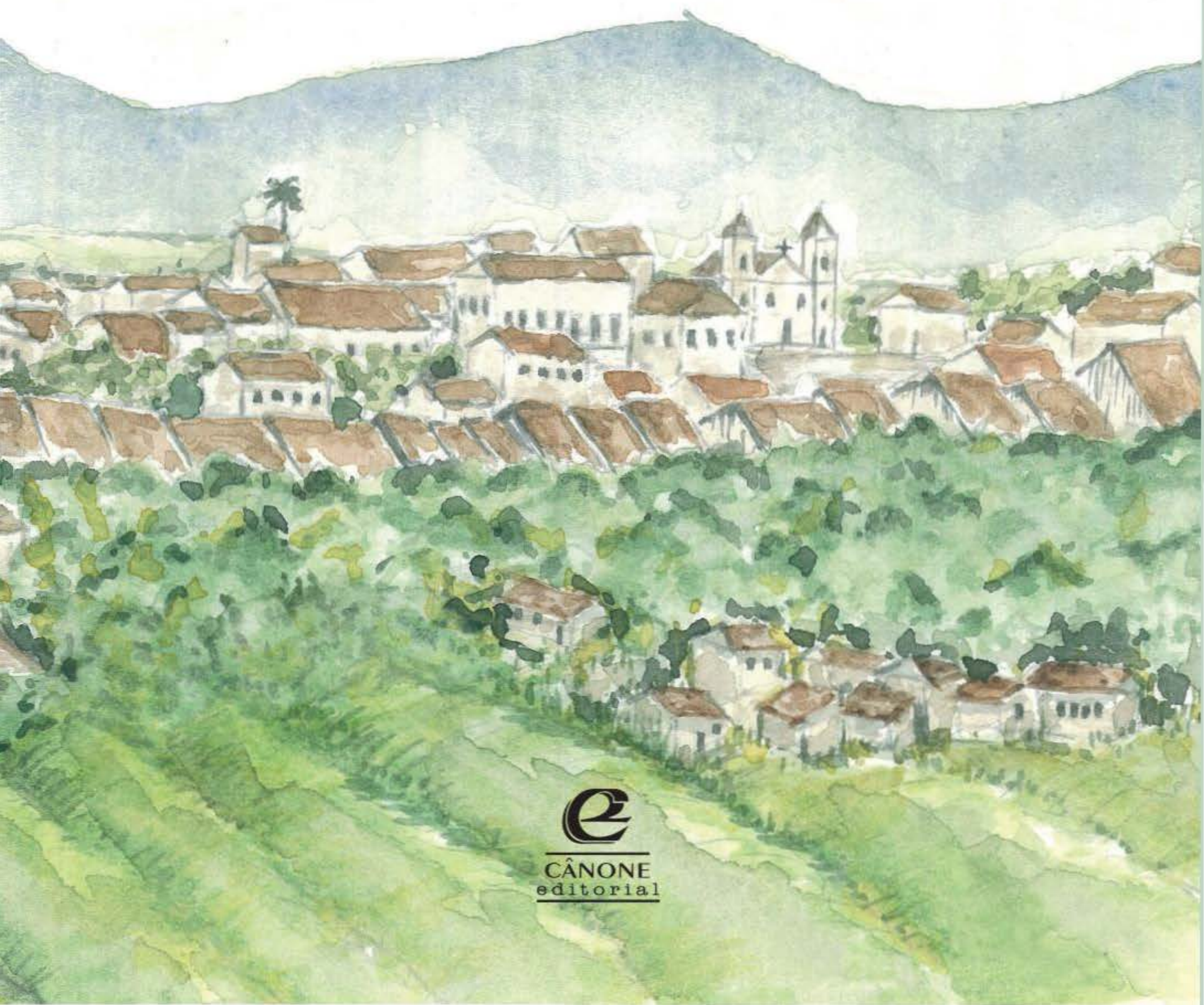
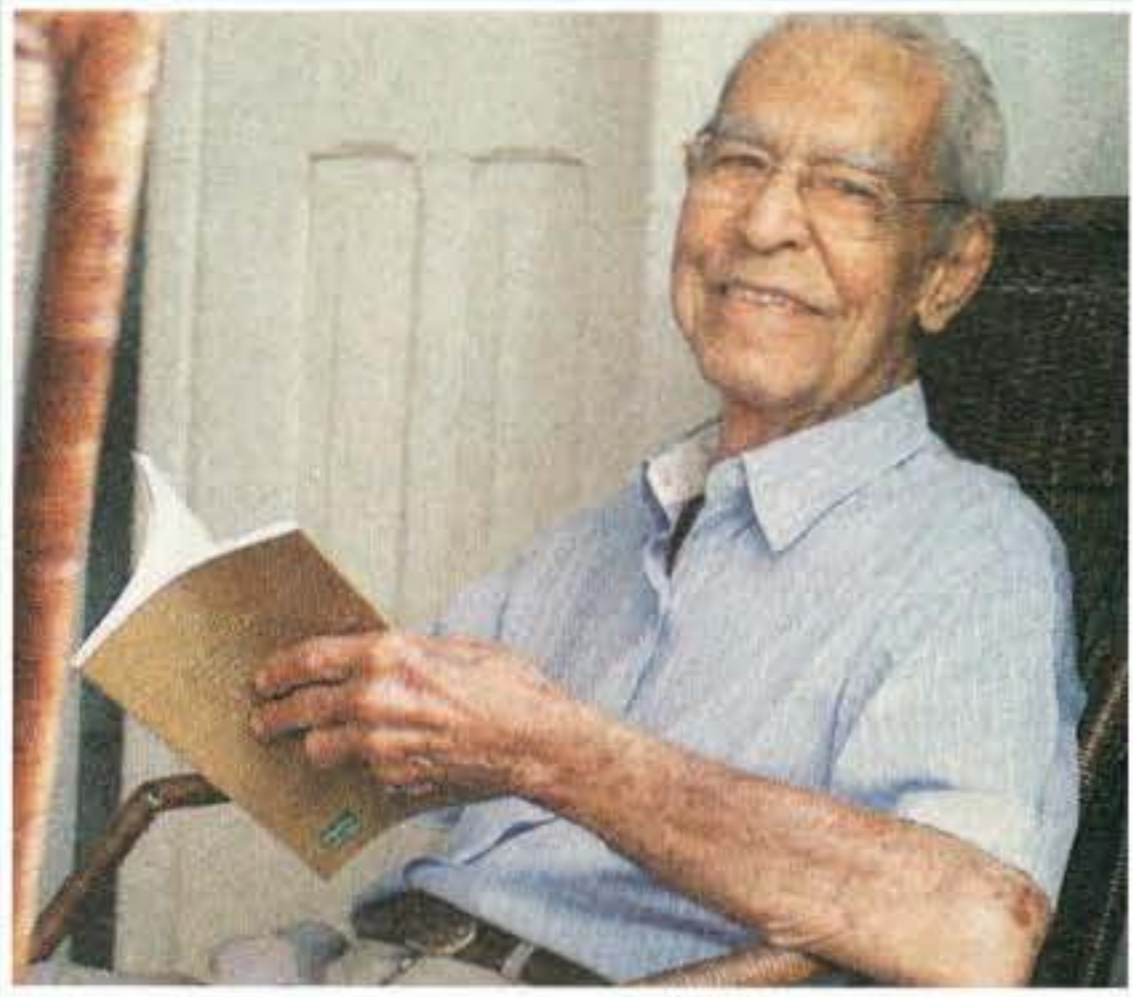


José Sêneca Lobo

Bonfim de Goiás
Minha Terra e Minha Gente



CÂNONE
editorial



José Sêneca Lobo nasceu em Bonfim de Goiás (hoje Silvânia) aos 12 de novembro de 1907, onde foi tabelião por 22 anos e prefeito municipal (1947-1950).

Diretor da Santa Casa de Goiânia, por doze anos; do Consórcio Rodoviário Intermunicipal (CRISA), também por doze anos; da Companhia de Habitação de Goiás (COHAB-GO) por oito anos e consultor administrativo da Organização de Saúde de Goiás (OSEGO), em cujo cargo se aposentou.

Coronel Antônio Pireneus de Sousa

Ainda na minha meia infância, conheci o Clube Bibliotecário Bonfinense, que ficava na Praça do Rosário, na casa grande da Dona Luiza, ao lado do sobrado da mesma dama.

Aos domingos, o Antônio, familiarmente conhecido por Tonho, neto da Dona Luiza, abria as portas da biblioteca para que os bonfinenses buscassem as obras de seu interesse. O sistema era controlado semanalmente; os livros levados em um domingo seriam devolvidos no próximo, senão o interessado não retiraria nova carga.

Foi dessa época que comecei a tomar conhecimento do mundo das histórias, retirando, como faziam os meus amigos e colegas, obras dos célebres escritores como Alexandre Dumas, pai e filho, Camilo Castelo Branco, Émile Zola, Victor Hugo e Júlio Verne, com as encantadoras *Viagens Maravilhosas*.

Em todos os livros do clube notava-se, na primeira página, a dedicatória: “Ao Clube Bibliotecário Bonfinense, oferece Pireneus de Sousa”.

Antônio Pireneus de Sousa foi daqueles poucos bonfinenses que, em menino, deixara a terra natal para estudar no Rio de Janeiro. Ele preferiu a carreira militar, ingressando na Escola Militar, de onde saiu segundo-tenente.

Ainda muito jovem, veio servir no 6º Batalhão de Caçadores, em Ipameri, neste Estado, deixando no quartel e na própria cidade marcas indeléveis de sua ação e administração. Reformou totalmente o quartel, construiu o Estádio Cascatinha para exercícios de tiro, piscinas e campos de esporte. Era dinâmico e bravo. No caminho que parte da cidade de Ipameri até a Cascatinha (seis quilômetros), há um lugar cujo solo é pelado, não nascendo capim. Dizem

que o fato decorreu de uma luta corporal travada pelo Pireneus com um outro oficial seu colega, por desentendimentos do comando, no percurso daquela via, quando levavam o batalhão para exercícios. Foi tão ferrenha a luta que o chão ficou raspado de suas gramas arrancadas com raízes e tudo... Era isso pelo menos o que nos contavam os soldados antigos do 6º BC, no qual prestei serviços militares, como sorteado, nos anos 1929-1930.

Conheci pessoalmente o Cel. Pireneus, ali pelo ano de 1922, quando era ainda primeiro-tenente. Disse pessoalmente porque, por tradição, já o conhecia através de sua família e, principalmente, pela admiração que lhe dedicava através daquelas muitas obras que li e que traziam a sua dedicatória.

No citado ano de 1922, eu devia ir para Uberaba e, como era neófito em viagens, a minha mãe pediu ao Tenente Pireneus “para me comboiar” nos percursos de automóvel até Roncador e de trem de ferro até Araguari—Uberaba. O Cel. Pireneus estava a passeio em Bonfim e regressaria, naqueles dias, ao Rio.

Na viagem, ele foi muito cordial e gentil com o “menino do interior” que, pela primeira vez, empreendia uma viagem fora do seu estado natal. Só que, ao embarcarmos em Roncador, comprei passe de segunda classe, obediente às determinações da minha mãe, visando à nossa economia, mas o Tenente Pireneus reservou-me um lugar ao seu lado no carro de primeira classe e, ante as minhas desculpas, acabou pagando a diferença ao chefe do trem, mas levou-me ao seu lado.

Quando fui convocado para o Serviço Militar, em outubro de 1929, apresentei-me em Ipameri ao 6º BC, então comandado pelo major Heitor Augusto Borges. Em meados de 1930, veio, novamente, para o comando do Batalhão, o já então tenente-coronel Antônio Pireneus de Sousa.

Para o Batalhão, para o Estado de Goiás e para mim particularmente, esse novo comando foi de grande valor. Estourada a Revolução de 1930, o Cel. Pireneus controlou as ações militares de forma a não sacrificar os irmãos goianos, nem deixar que se danificassem obras como a ponte sobre o Rio Paranaíba, na divisa Goiás-Minas. Chegou a ser marcada sua dinamitação pelos revolucionários mineiros, no intuito de dificultarem a passagem do 6º BC, que era tido como unidade fiel ao governo de Washington Luiz.

Mas o Cel. Pireneus, militar velho, inteligente e tarimbado, considerou a amplitude do movimento desencadeado no Brasil e aguardou os acontecimen-

tos, procurando apenas vigiar as obras de arte e resguardar os seus homens de lutas sangrentas e fraticidas.

Tanto foi assim que, ao soar a vitória da Revolução, no fim de outubro de 1930, estávamos acampados na Estação de Engenheiro Bethouth, às margens do Paranaíba, guarnecendo a ponte. Dali, já sob novas ordens do Comando Revolucionário Brasileiro, nos deslocamos para a cidade de Goiás, antiga capital do Estado, onde fomos garantir a junta governativa, então empossada no Governo de Goiás.

Sobre esse procedimento já relatamos os fatos páginas atrás. Pireneus foi afastado do Comando do 6º BC sob a suspeita de não colaborar com a Revolução. Mas, feitos os inquéritos e ouvidas as figuras do movimento, reconheceram-lhe a conduta patriótica, pelo que foi repostado no seu comando, onde o deixei no fim de dezembro de 1930, ao completar o meu tempo de serviço militar.

Aliás foi contra a expressa vontade do Cel. Pireneus que deixei o exército. Ele queria, por força, que eu seguisse a carreira militar, comprometendo-se a ajudar-me no ingresso à Escola.

Em 1947, logo que fui eleito prefeito de Bonfim, criei a Biblioteca Municipal com o remanescente do antigo Clube Bibliotecário Bonfinense e outras obras, instalando-a em sala própria, sob a gerência de uma bibliotecária.

No ato inaugural, foi prestada significativa homenagem ao Cel. Pireneus, colocando uma fotografia sua ampliada na sala da biblioteca, que passou a chamar-se Biblioteca Municipal Coronel Antônio Pireneus.

Entretanto, nesse tempo, a maioria dos livros do patrimônio do Clube Bibliotecário havia sido dispersada dentro e fora do Estado, apropriada por pessoas que conheciam o valor daquelas obras antigas, como, por exemplo, um original em espanhol de *Dom Quixote de La Mancha* e muitas outras. As que restaram do Clube foram restauradas e catalogadas devidamente, para o começo de uma boa biblioteca.

Infelizmente os que me sucederam no governo municipal não continuaram a obra e, nos dias atuais, creio que nada mais lá exista daquele precioso patrimônio cultural, oriundo da inteligência e do patriotismo do grande filho da terra, que foi o coronel Antônio Pireneus de Sousa.

Ele é digno das minhas homenagens neste humilde relicário.